

EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: TUDO CERTO COMO DOIS E DOIS SÃO CINCO

Nanci Araújo Bento¹

Kleber Martiniano Costa²

Luciane Ferreira Bomfim³

Talita Nabas Tavares⁴

Alisson Cabé de Andrade⁵

Resumo: O presente artigo traz um recorte da pesquisa desenvolvida no projeto “Entre Vistas: a navegação híbrida/bilíngue/bicultural/bimodal nas múltiplas linguagens para o ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos”, vinculado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e com parceria do Grupo de Pesquisa Formação de Professores (de) Surdos (GPFPS-INES). A partir da máxima “tudo certo como

-
- ¹ Doutora em Língua e Cultura/UFBA; Mestra em Linguística (UFBA); Graduada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira/Ucsal, professora bilingue (Libras/Português L2) da rede pública do estado da Bahia, professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora do projeto Entre Vistas: a navegação híbrida/bilíngue/bicultural/bimodal nas múltiplas linguagens para o ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos e Coordenadora do curso de extensão Em Pretas Mãos/UFBA. Endereço eletrônico: nablibras@gmail.com.
 - ² Professor da disciplina de Libras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pós-graduado em Libras com ênfase em docência e tradução/intepretação. Endereço eletrônico: kmartiniano@gmail.com.
 - ³ Mestra em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB); Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Libras; Pesquisadora do Grupo de pesquisa Educação, Inclusão e Diversidade (EDUCID/UNEB). Professora de Libras da Rede Municipal de São Francisco do Conde (BA). Endereço eletrônico: lucianebomfim.lb@gmail.com.
 - ⁴ Surda, professora, bilingue da Rede Municipal de São Paulo (SME). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Pós-graduada em Educação Especial com ênfase em Surdez e em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (Instituto Singularidades). Endereço eletrônico: talita.ntavares@gmail.com.
 - ⁵ Graduando de Língua Estrangeira Moderna — Inglês (UFBA), pesquisador no projeto Entre Vistas: a navegação híbrida/bilíngue/bicultural/bimodal nas múltiplas linguagens para o ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos, e estudante de línguas. Endereço eletrônico: prof.alissonca@gmail.com.

dois e dois são cinco”, suscita-se a reflexão acerca das contradições do bilinguismo para surdos(a). Propõe-se fomentar a discussão sobre a necessidade de implantação/implementação de um currículo de português específico para estudantes surdos(as); (re)pensar o ensino a partir do bilinguismo (Libras/LP), considerando as especificidades linguísticas de discentes não ouvintes, por meio de propostas de atividades com gênero textual videolibras, pelo viés decolonial/intercultural. O artigo aporta-se em referenciais teóricos na área de Estudos Surdos, letramento e alfabetização para surdos (LIMA, 2019; FERNANDES, 2003; 2011; BEGROW, 2018); pedagogia da transgressão (hooks, 2017); decolonialidade e interculturalidade no ensino de Línguas (MENDES, 2020) e gênero textual Videolibras (MEDEIROS, 2018; MEDEIROS; FERNANDES, 2020). A metodologia fundamenta-se na revisão bibliográfica, análise documental, pesquisa-ação e produção de materiais pedagógicos bilíngues (Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa escrita) para o ensino da língua portuguesa para surdos numa perspectiva decolonial e intercultural. Como resultados apresentados, constata-se que, nas últimas duas décadas, tem-se alavancado estudos e pesquisas no campo do ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos brasileiros, mas há lacunas epistêmicas sobre produção de materiais bilíngues para o ensino da língua portuguesa para surdos na perspectiva decolonial/intercultural com o gênero textual videolibras.

Palavras-Chave: Português para Surdos. Ensino Decolonial. Ensino Intercultural. Videolibras.

BILINGUAL EDUCATION FOR THE DEAF: ALL RIGHT AS TWO AND TWO IS FIVE

Abstract: This paper renders an excerpt from the research developed in the research project “Entre Vistas: the hybrid/bilingual/bicultural/bimodal navigation in

multiple languages for the teaching of Portuguese as a second language to deaf students”, linked to the Language Institute of the Federal University of Bahia and in partnership with the Research Group on Teacher Education (of) Deaf (GPFPS-INES). Based on the maxim “everything is right as two and two equal five”, a reflection on the contradictions of bilingualism of deaf people is raised. It is proposed to encourage the discussion on the need to set up/implement a specific Portuguese curriculum for deaf students; (re)thinking teaching, based on bilingualism (Libras/PL), considering the linguistic particularities of non-listening students, through the proposal of activities videolibras as text genre, through decolonial/intercultural perspective. It draws on theoretical references in the area of literacy and deaf literacy: Lima (2019), Fernandes (2003, 2011), Begrow (2018); hooks’ transgression pedagogy (2017); Decoloniality and Interculturality in Language Teaching, Mendes (2020), Videolibras text genre: Medeiros (2018), Medeiros and Fernandes (2020). The methodology is based on literature review, document analysis, action research, and production of bilingual teaching materials (Brazilian Sign Language and written in Portuguese language) to the teaching of the Portuguese language to the deaf in a decolonial and intercultural perspective. The partial conclusion points out that in the last two decades’ studies and research in the field of teaching Portuguese as a second language for Brazilian deaf people has been leveraged, but there are epistemic gaps in the production of bilingual materials for teaching the Portuguese language to the deaf for the deaf in the perspective decolonial/intercultural taking videolibras as text genre.

Keywords: Portuguese for deaf. Decolonial teaching. Intercultural teaching. Videolibras text genre.

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida como meio legal de comunicação e expressão na Lei n.

10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto n. 5626/2005, passou a ser disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, ao nível médio e superior, bem como nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios, além de constituir-se como disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional. Trouxe em seu bojo o direito à educação bilíngue (Libras/Língua Portuguesa), em tese, Libras como primeira língua e português na modalidade escrita como segunda língua.

Após anos de luta da comunidade surda, as especificidades dos educandos surdos vêm sendo reconhecidas legalmente por meio de diferentes documentos que ressaltam, entre outras questões, a política linguística, a cultura surda e o direito a classes bilíngues, tendo como base pedagógica o ensino bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) (LIMA, 2019).

A partir da máxima caetaniana⁶ da incongruência matemática *"tudo certo como dois e dois são cinco"*, convida-se leitores e leitoras a refletir acerca das contradições do bilinguismo, especialmente sobre as metodologias envolvidas na construção de materiais bilíngues⁷ de ensino de língua portuguesa para alunos(as) surdos(as) brasileiros(as) por meio da propostas de atividades com gênero textual videolibras, a partir do viés decolonial/intercultural.

Aporta-se em referenciais teóricos na área de Estudos Surdos, letramento e alfabetização para surdos (LIMA, 2019, FERNANDES, 2003; 2011; BEGROW, 2018), pedagogia da

⁶ "Tudo certo como dois e dois são cinco", trecho da música "Como dois e dois", de autoria do cantor/compositor brasileiro Caetano Veloso, 1971.

⁷ Concebe-se como "bilinguismo para surdos" o acesso à língua de sinais como primeira língua, elemento fundante para a construção das identidades surdas, e português escrito na modalidade de segunda língua.

transgressão (HOOKS, 2017), decolonialidade e interculturalidade no ensino de línguas (MENDES, 2020) e gênero textual videolibras (MEDEIROS, 2018; MEDEIROS; FERNANDES, 2020).

A equipe autora é integrante do projeto de pesquisa “Entre Vistas: a navegação híbrida/ bilíngue-bicultural-bimodal nas múltiplas linguagens para o ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos”, vinculado à Coordenação Acadêmica de Pesquisa e Inovação (CAPI) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA). Esse projeto propõe discutir e estudar a navegação híbrida Libras/português em uma perspectiva bilíngue, bicultural e bimodal no ensino de português como segunda língua para pessoas surdas. Nesse sentido, orienta-se um olhar muito atento ao trabalho de buscar a mesma importância entre as línguas, tendo em mente que o trabalho realizado ocorre em prol de um processo inclusivo e acessível à comunidade surda.

A principal motivação para realização deste artigo surgiu a partir de inquietações das autoras e autores do proposto texto, professoras e professores de surdos na educação básica, desejando-se, dessa forma, proporcionar a oxigenação e ampliação das discussões sobre a educação dos surdos para o ensino de português para estudantes que não ouvem.

As contradições do ensino bilíngue

Ao se trabalhar com a proposta de bilinguismo em uma perspectiva decolonial, surgem, a todo momento, as perguntas: *bilíngue como? Bilíngue para quem?* Responder tais questões nem sempre é fácil e, por vezes, depara-se frente ao impasse de ter que optar em considerar uma língua em detrimento da outra.

Ao atuar em um campo onde o prefixo *bi* (bimodal, bicultural, bilíngue) está presente, corre-se o risco de instaurar

um paradigma binário da supressão e exclusão de um pelo outro. No caso da educação de surdos no Brasil, o bilinguismo pode ser considerado como a capacidade linguística em atuar de forma natural e fluente entre duas línguas: Libras (como primeira língua) e Português (na modalidade escrita). No entanto, entende-se que o bilinguismo vai além da competência linguística. Esse processo resulta em aprofundamento no conhecimento entre as culturas envolvidas.

O bilinguismo trata-se de um processo cultural que abrange a questão linguística e questões sociais, como o acolhimento e respeito à língua e cultura do Outro. Para Felipe (2012), o bilinguismo vai além das questões curriculares:

Portanto, não se trata apenas de pensar o bilinguismo como o resultado de uma educação bilíngue a partir de questões curriculares, é necessário buscar a melhor alternativa para que um indivíduo ou uma comunidade linguística minoritária tenham seus direitos linguísticos respeitados, uma vez que ser uma pessoa bilíngue tem implicações cognitivas, sociológicas, antropológicas, educacionais, ideológicas e políticas (FELIPE, 2012, p. 8).

Nessa perspectiva, a comunidade surda é chamada a vivenciar essa experiência (forçada) de ser bimodal e intercultural, ou seja, usar tanto a Libras como língua de conforto como a língua portuguesa na modalidade escrita nos mais diversos aspectos que essas podem ser exigidas (escola, trabalho, lazer, dentre outros). Aprender o português como segunda língua passa a ser algo essencial para que pessoas surdas consigam ser percebidas em uma sociedade ouvintista⁸.

⁸ O termo *ouvintista* ou *ouvintismo*, segundo Skliar, é usado para representar “[...] um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte” (SKLIAR, 1998, p. 15).

Nessa caminhada, há grandes indagações muitas vezes ignoradas, e até mesmo desprezadas pelos docentes. *De onde partimos? Para onde vamos?* Esses são questionamentos pertinentes em relação a cada sujeito surdo que estará em sala de aula, inclusive o professor surdo. Trata-se de um processo longo, tortuoso, complexo e distinto. A pergunta *bilíngue para quem?* leva a refletir sobre o foco de todo o trabalho desenvolvido, na busca de atender à pessoa surda que deseja aprofundar seus conhecimentos em outra língua que convive no dia a dia com a Libras.

Geralmente, toma-se com naturalidade a defasagem educacional da criança surda, justificando isso com o atraso na aquisição da Libras e o ingresso tardio do aluno na escola, mas ainda não se refletiu sobre o principal: o próprio jeito de ensinar. Nesse sentido, ainda se usa o jeito ouvinte, se ensina da mesma forma como se aprendeu, e nesse processo, a aprendizagem tem ficado para um segundo, ou terceiro plano. Ainda se aceita a visão clínica da surdez, na qual os alunos continuam precisando ser “consertados”, “reformulados”, “reajustados”. O português precisa ser aprendido; a escola precisa ser bilíngue. *Mas bilíngue como? Bilíngue para quem?* Nesse formato educacional em que o professor surdo ainda é um incômodo na escola bilíngue, nessa pedagogia em que o *start* é sempre na língua oral escrita, muito pouco será o avanço.

Carência de materiais para o ensino de língua portuguesa com L2, com o viés decolonial/intercultural

Poucos são os materiais voltados ao ensino e educação de surdos que proporcionam o modo de pensar na modalidade visuoespacial, o aprender e apreender do surdo. A prática ouvintista leva sempre a partir do texto para a imagem. Entretanto, pessoas surdas têm uma percepção do mundo que parte inicialmente do que é visual. Muitas vezes, alunas e

alunos surdos(as) ainda não adquiriram o conceito da relação textual com aquilo que quer ser apresentado/ensinado e, mesmo assim, professoras e professores insistem em partir da prática textual.

Na prática da vivência escolar do ensino, observa-se a falta de materiais bilíngues adequados às especificidades linguísticas de estudantes surdos que, prioritariamente, utilizam a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação e expressão. Entende-se que tal escassez dificulta o ensino e aprendizagem dos alunos surdos, uma vez que ao surdo compete a capacidade de visualização do seu maior recurso, e que o desenvolvimento e aquisição da Libras como primeira língua, e a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua, trazem a necessidade de ter como apoio nesse processo recursos tanto visuais como concretos.

É necessário que haja oferta de materiais didáticos e pedagógicos que sejam efetivamente voltados às demandas dos surdos, ou seja, materiais que não sejam “adaptados”, mas pensados e construídos respeitando a cultura surda, a singularidade linguística de surdos sinalizantes⁹, a visualidade e a iconicidade/arbitrariedade de assuntos e conceitos que podem e devem ser passados a partir do aprendizado visual, constituindo-se como práticas decoloniais e interculturais além do plano epistêmico. Para Mendes (2020), decolonialidade e interculturalidade são dimensões epistemológicas complexas que não devem atuar apenas no plano ideológico-epistêmico.

Em busca da compreensão do atual panorama sobre os estudos na área, realizou-se um levantamento sobre as pesquisas relacionadas ao tema de produção de materiais bilíngues para o ensino de português para surdos, por meio de

⁹ Surdos sinalizantes são os que, prioritariamente, se comunicam na Língua Brasileira de Sinais, sistema linguístico de transmissão de ideais e fatos de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria.

uma plataforma digital que integra, em um único repositório, os sistemas de informação dos trabalhos acadêmicos das instituições de ensino superior do país, vinculados à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), desenvolvida e coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Na BDTD/IBICT, delimitou-se o recorte temporal entre 2005 e 2020, período equivalente a quinze anos, possibilitando a análise de um cenário não tão recente, mas bem atual dos conhecimentos científicos produzidos na pós-graduação brasileira sobre a educação de surdos e o ensino da língua portuguesa por meio do viés decolonial/intercultural.

Esse recorte temporal não aleatório foi definido a partir do Decreto n. 5626/05, que versa sobre a educação dos surdos, acreditando-se que as produções já teriam tempo suficiente para acompanhar as implicações dessas publicações. Para refinar ainda mais as buscas na BDTD/IBICT, posto que as pesquisas estavam deixando muito amplas as respostas no campo da educação, foram buscados termos que se aproximassem ao máximo do objeto de estudo.

Para acesso a esse banco de dados, foi empregado o recurso da “Busca Avançada”, utilizando-se os termos de busca “sequência didática”; “surdos”, “português”, “decolonialidade” e “interculturalidade”. Selecionou-se o campo “Resumo em português”, estabelecido o “Ano de Defesa”, de acordo com o período definido para a pesquisa — de 2005 a 2020.

Nenhuma pesquisa foi encontrada com os devidos termos. Diante disso, foram modificadas as combinações de palavras. Refeita a busca por: surdos — português — decolonialidade, encontrou-se 1 (uma) produção: “Interpretação transemiótica de práticas sociolinguísticas expressas em português escrito por pessoas surdas” (LIMA, 2020).

Ao se combinarem as palavras: surdos — português — sequência didática, encontrou-se apenas 1 (um) resultado: “O uso do Shape Coding no ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos: um estudo sobre variação temporal” (SAMPAIO, 2018).

Foram obtidas 5 produções (sendo 1 repetida e 2 foram na área de saúde) para: surdos — português — interculturalidade: “Surdos e ouvintes em uma sala de aula inclusiva: interações sociais, representações e construção de identidades” (FELIX, 2008); “Interações interculturais no contexto de ensino de Libras com L2 na Creche” (PRIETO, 2017); “Adaptação transcultural e análise das propriedades psicométricas do instrumento de Autoavaliação do Funcionamento Ocupacional (SAOF) para Libras” (ANDRADE, 2017); “Tradutor-intérprete de Libras na Saúde: o que eles nos contam sobre questões éticas em sua prática” (PEREIRA, 2014).

A pesquisa que mais se aproxima do tema discutido no Projeto Entre Vistas é a tese “Interpretação transemiótica de práticas sociolinguísticas expressas em português escrito por pessoas surdas” (LIMA, 2020). O estudo é formado por textos escritos em português por pessoas surdas que participaram do processo seletivo para ingressar no curso de Licenciatura em Letras: Libras/UFG, entre o período de 2010 e 2018. Está inserida no campo de estudo da decolonialidade, uma vez que são problematizadas especialmente questões sobre políticas linguísticas que colocam as pessoas surdas na trama da colonialidade do poder, saber e linguagem.

Com base no que foi pesquisado, e voltando às duas perguntas chaves (*Bilíngue como? Bilíngue para quem?*), percebeu-se, na trajetória de pesquisa e estudos, que não se trata de perguntas com respostas simples. Ao analisar a construção de materiais didáticos na perspectiva decolonial, se faz necessário refletir sobre situações estruturais da sociedade que permeiam as vidas de todos.

Ser decolonial é estar atento e reflexivo em todas as falas, sinais, práticas pedagógicas, textos, imagens que possam refletir algum tipo de preconceito, racismo, machismo, sexismo e tantos outros estigmas que a sociedade traz de forma arraigada e, por vezes, sistêmica. A pergunta *como* permite buscar o modo mais plausível de decolonização sobre a demanda de um material voltado à comunidade surda que não apresente apenas um determinado biotipo imagético de pessoas (representatividade de raças, gêneros e cenários); ou fale de realidades temáticas que possam ser concretas para uma quantidade maior de alunas e alunos em um maior campo de lugares e regiões no país (diversificar e pluralizar conceitos como família, identidades e territorialidades); ou ainda identificar novos olhares para a construção de saberes (sair da perspectiva eurocentrada da percepção do mundo e ampliar as possibilidades de ensino, aprendizado e conhecimento).

Trata-se de um processo longo, complexo e distinto. A pergunta *bilíngue para quem?* permite refletir sobre o foco de todo o trabalho desenvolvido. Busca-se atender à pessoa surda que deseja aprofundar seus conhecimentos em outra língua, com a qual convive no dia a dia com a Libras. Se a proposta é desenvolver materiais voltados à comunidade surda, é fundamental ter em mente como se dá o processo de percepção do mundo das pessoas que não ouvem, como e de que forma é possível oferecer um material que respeite a questão da aquisição linguística, cultural e identitária dos surdos.

Não se trata apenas de pensar nas imagens utilizadas. A relação imagética está diretamente relacionada à construção conceitual e de processamento da pessoa que a vê. Ser decolonial *para quem?* pode implicar em deixar as amarras do texto escrito em português e partir para a construção de tex-

tos visuais e videolibras³⁰ para estar mais próximos à realidade pedagógica de surdos sinalizantes.

Trata-se de assimilações geradas passo a passo, como o caminhar de uma criança aprendendo a andar: não se solta uma bebê ladeira abaixo, esperando que esse comece a correr. No entanto, é assim que se faz com a criança surda, ainda engatinhando no processo de aquisição de uma língua natural, a Libras, submetida ao ensino de uma segunda língua, nesse caso a língua portuguesa, sobre a qual pouco sabe, e com a qual pouco tem contato. O silêncio é mais que apenas a ausência do som, ele é em todos os aspectos a falta de conexões. Esse elo entre uma língua e a outra, é mais que isso, também é a urgência da compensação. É imprescindível que o surdo aprenda, é preciso que ele escreva, e isso ainda continua sendo a mudança mais urgente em relação à educação bilíngue.

O Projeto Entre Vistas

O projeto de pesquisa “Entre Vistas: a navegação híbrida/bilíngue/bicultural/bimodal nas múltiplas linguagens para o ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos” está vinculado à Coordenação Acadêmica de Pesquisa e Inovação (CAPI) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Tem a parceria do Grupo de Pesquisa Formação de Professores (de) Surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (GPFPS-INES).

É composto por professoras e professores de português como segunda língua e de Libras do Estado da Bahia, Pernambuco e São Paulo; tradutores intérpretes da Bahia e

³⁰ O termo videolibras é utilizado para denominar vídeos produzidos em Língua de Sinais Brasileira (MARQUES; OLIVEIRA, 2012; FERNANDES; MEDEIROS, 2016; FERNANDES; MEDEIROS; SANTOS, 2017; FERNANDES; MEDEIROS, 2017). Trata-se de um gênero visuotextual, sinalizado e gravado por surdos ou pessoas fluentes em Libras, em diferentes contextos situacionais.

São Paulo; e estudantes de Letras da Universidade Federal da Bahia. O “Entre Vistas” revisita a discussão acerca da presença da cultura hegemônica monolíngue no ensino da língua portuguesa para surdos(as) e a necessidade da descolonização do ensino de português para estudantes surdos.

Cria atividades bilíngues na perspectiva decolonial/intercultural para o ensino do português como língua não materna; (re)pensa o ensino da língua portuguesa, considerando as especificidades linguísticas de discentes não ouvintes, além de suscitar a necessidade da formação de professores bilíngues e a urgência da implantação/implementação de atividades bilíngues de português para surdos.

A proposta do projeto está ancorada, a priori, no levantamento bibliográfico sobre o desenvolvimento de sequências didáticas bilíngues para surdos brasileiros e na pesquisa-ação entendida como processo investigativo permanente de (re)planejamento, reflexão das barreiras comunicacionais da pessoa surda e construção de materiais bilíngues para o ensino da língua portuguesa. Begrow (2018) aponta a necessidade de termos materiais adequados, específicos com currículos, estratégias e materiais pedagógicos que contemplem as singularidades dos educandos surdos:

Que possamos repensar a escola, o currículo, as estratégias e materiais para que a educação oferecida ao surdo não seja uma mera adaptação da educação majoritária, mas sim, seja uma educação verdadeira e pronta para que toda e qualquer criança surda tenha o direito de viver e estudar em uma escola com espaço para si. Se não, continuaremos a oferecer o sapato dois números diferentes do seu o que pode causar bolhas ou ficar caindo do pé. Numa escola adaptada não há espaço para diferença, pois elas devem ajustar-se ao modelo maior e o que difere se dilui e se perde, assim como o que é singular [...] (BEGROW, 2018, p. 1).

Concordando com a autora, verifica-se que, apesar de nas duas últimas décadas terem se alavancado estudos e pesquisas no campo do ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdas e surdos brasileiros, há lacunas epistêmicas a respeito do currículo e da produção de materiais bilíngues (Libras/LP) com foco para o ensino de português para surdos. Mais de uma década após o Decreto n. 5626/2005, apenas em julho de 2021 vislumbra-se, via Ministério da Educação (MEC), a proposta de currículo para o ensino de português escrito como segunda língua para estudantes surdos¹¹, com cadernos que compõem propostas de ensino para educandos e educandas brasileiros da educação básica e ensino superior.

Fundamentando-se em hooks (2017), lança-se a proposta da educação bilíngue para surdos como prática da liberdade, a partir da língua de sinais como elemento essencial, combatendo o sistema de educação bancária-tecnicista-monolíngue na educação para surdos (as).

Para Fernandes (2003), a língua de sinais cumpre papel essencial no ensino da língua portuguesa na modalidade de segunda língua e necessita fazer parte do currículo escolar. Segundo a autora, é a partir de operações mentais mediadas pelos elementos semióticos da língua sinalizada que “[...] a internalização de significados, conceitos, valores e conhecimentos será realizada por meio do domínio dessa modalidade de língua que constituirá a base simbólica necessária à apropriação do sistema de signos escritos” (FERNANDES, 2003, p. 91).

¹¹ Lançamento do Ministério da Educação da Proposta de Currículo para o ensino de português escrito como segunda língua para estudantes surdos, publicado no site www.gov.br/mec em 1 de julho de 2021, atualizado em 2 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-proposta-de-curriculo-para-o-ensino-de-portugues-escrito-como-segunda-lingua-para-estudantes-surdos>. Acesso em: 2 jul. 2021.

Fernandes (2003) aponta que o (a) estudante surdo (a) que aprende português na modalidade de segunda língua, ao deparar-se com o registro apenas escrito, perde os recursos extralinguísticos da língua oral como a prosódia, não havendo a possibilidade de recuperação dos constituintes sonoros. Sob essa ótica, outorga-se a necessidade de que o ensino de português incorpore inovações tecnológicas visuais que permitam a interação com diferentes formas de representação simbólica como gráficos, textos, movimentos, ícones, imagens, ampliando-se o conceito de escrita e a garantia de características específicas que permitem autonomia do estudante com a interação com o texto.

Em consonância com Medeiros (2018), reafirma-se que os diálogos não verbais, (infográficos, escolhas de plano e de enquadramento, os recursos de edição) trazem polifonia de conteúdo, suporte que oportuniza a possibilidade de ampliação lexical/sintática na interpretação do texto em língua portuguesa. Sob esse prisma, o gênero textual videolibras, no ensino da língua portuguesa para surdos, funciona como elemento balizador no processo de construção das atividades, como podem ser observados na Figura 1 e 2.

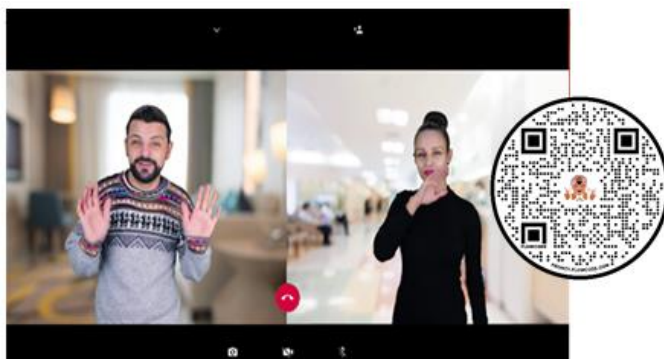
Figura 1: Agendamento médico virtual



Fonte: ILUFBA — Projeto Entre Vistas (2021).

A utilização do gênero textual videolibras no ensino de português para surdos possibilita a utilização da linguagem verbal (Língua de Sinais; textos escritos em formato de legenda) e não verbal (imagens, fotos, tabelas, logos, fontes especiais, ilustrações, efeitos de edição de vídeo, dentre outros), que auxiliam na unificação dos elementos que formam o conceito de verbosvisualidade. A mudança de suporte escrita impressa ou documento digital, como Word, para vídeo, transforma o comportamento do texto sinalizado e do texto em língua portuguesa, constituindo-se gêneros textuais distintos (Figura 2 e Quadro 1).

Figura 2: Videolibras “Marcando uma consulta”



Fonte: ILUFBA-Projeto Entre Vistas (2021).

Quadro 1: Tradução do texto sinalizado “Marcando uma Consulta”

Senhor Rodrigo: Boa tarde! É do consultório do Doutor Alisson?

Secretária Renata: Sim, senhor. Em que posso ajudá-lo? É a secretária Renata quem fala.

Senhor Rodrigo: Sou Rodrigo, paciente do Doutor Alisson.

Secretária Renata: Olá, Como o senhor **está** o senhor?

Senhor Rodrigo: Eu **estou** bem, obrigado. E a senhora?

Secretária Renata: Bem, obrigada.

Senhor Rodrigo: Eu gostaria de marcar uma consulta com o Doutor Alisson para quarta-feira.

Secretária Renata: Sinto muito. Mas para quarta-feira não temos mais horário. A agenda **está** lotada. O senhor tem disponibilidade para quinta ou sexta-feira?

Senhor Rodrigo: Tenho sim! Pode ser sexta-feira no turno da tarde, por favor.

Secretária Renata: Qual **é** o seu nome completo, por gentileza?

Senhor Rodrigo: Rodrigo Ueslei Teixeira do Nascimento.

Fonte: ILUFBA — Projeto Entre Vistas (2021).

Obs.: Trecho extraído da Atividade Ser e Estar. A versão final da atividade será divulgada, a posteriori, ao final do projeto.

A partir das figuras 1 e 2, observa-se que, na pesquisa realizada, o gênero textual videolibras é um elemento basilar que esteia as estratégias pedagógicas bilíngues para o ensino da língua portuguesa na modalidade de segunda língua para pessoas surdas que, prioritariamente, se comunicam na Língua Brasileira de Sinais e aprendem a língua portuguesa na modalidade escrita. Para Medeiros (2018), os elementos semióticos não verbais que compõem o videolibras auxiliam na construção da apreensão do sentido do texto, despertando maior interesse ao leitor(a) surdo(a).

Ao se refletir sobre a polifonia do gênero videolibras sobre a atividade do “Verbo Ser e Estar”, em relação à produção técnico-material, há a tela inicial (figura 1) composta pelo elemento não verbal de chamada de vídeo; sinalização de uma tela dividida ao meio com interlocutores que sinalizam

em Libras (figura 2)¹, da esquerda para a direita, a figura do tradutor representando um paciente surdo; à direita, a atendente-intérprete da central de agendamentos. Ambos estão num enquadramento que possibilita visualizar a conversação em Libras. Do ponto de vista cultural, a ambiência da textualidade segue ações da experiência surda contemporânea, como fazer uma chamada de vídeo, ao em vez de fazer uma ligação com a mediação de um ouvinte, na qual a experiência com a tecnologia de vídeo atualiza a situação até pouco tempo menos comum.

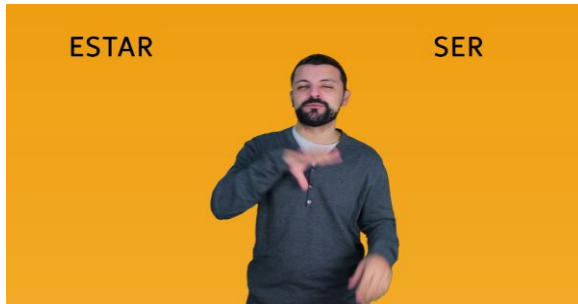
O uso de recursos verbais e não verbais aparece no decorrer da sinalização (paciente surdo, em plano de fundo desfocado, que remete à ambiência doméstica, roupa colorida); intérprete de Libras (cabelos presos, blusa preta, plano de fundo com ambiência de um consultório). A estrutura formal de sinalização é seguida por aspectos culturais da comunidade surda: apresentação do sinal pessoal em Libras: sinal em Libras da central de agendamentos, sinal pessoal do médico; datilografia com nome da atendente-intérprete, sinal pessoal do paciente. É importante ressaltar que os recursos não verbais e os aspectos culturais das comunidades surdas não aparecem no texto escrito em português. Dessa forma, são considerados gêneros textuais distintos. A utilização do gênero videolibras na práxis pedagógica auxilia na compreensão e ampliação lexical do texto em língua portuguesa, contribuindo na identificação das principais diferenças linguísticas da língua fonte e da língua alvo.

Compete ao profissional bilíngue estabelecer a distinção das duas gramáticas envolvidas no contexto da educação para surdos (as). No que tange ao ensino dos verbos “Ser” e

¹ Apresenta-se, neste artigo, o recorte do videolibras em formato QR CODE, para fins iniciais de interpretação. O recorte do vídeo poderá ser escaneado a partir de um telefone celular equipado com câmera. A atividade na íntegra será disponibilizada ao fim do projeto, conforme cronograma do projeto de Pesquisa Entre Vistas.

“Estar”, usualmente utilizados em contexto de aprendizado básico de uma língua escrita, são, genericamente, seccionados em categorias de significado permanente e temporário. No entanto, tal distinção não se encontra presente na Língua Brasileira de Sinais. Daí a dificuldade dos aprendizes surdos brasileiros em identificar as características de uso na língua escrita. O(a) professor(a) bilíngue deverá estabelecer a distinção desses verbos, partindo da Língua 1 (Libras) (figura 3) para, seguidamente, alcançar o entendimento da Língua 2 (português escrito) (figura 4).

Figura 3: Contexto de uso dos verbos *Ser* e *Estar* na língua escrita



Fonte: ILUFBA — Projeto Entre Vistas (2021).

Figura 4: Verbos *Ser* e *Estar* — Diferenças Linguísticas Libras X LP

Português	Libras	
<u>NOME</u>		
Eu sou Talita.		

Fonte: ILUFBA — Projeto Entre Vistas (2021).

Caberá ao professor de português de/para surdos explorar os aspectos gramaticais, sintáticos e semânticos a partir da língua sinalizada, a fim de que o/a estudante surdo, que está aprendendo português como língua não materna, possa reconhecer as estruturas sintáticas da língua portuguesa, bem como utilizar a língua portuguesa escrita como ampliação/integração social e de forma autônoma.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar um estudo inicial desenvolvido pelo Projeto Entre Vistas sobre o gênero textual videolibras, que auxilia na unificação dos elementos que formam o conceito de verbovisualidade.

Esse projeto traz a perspectiva da decolonialidade e interculturalidade no ensino de português para surdos, lamentavelmente escassa no Brasil, realizando articulações pedagógicas com o gênero textual videolibras e buscando alternativas de significância de conhecimentos que, porventura, foram ou são cerceados na educação básica. Leva-se a refletir sobre a urgente e indispensável implementação de práxis pedagógicas bilíngues (Libras/LP), com a criação de materiais didáticos que valorizem aspectos sobre marcos culturais surdos invisibilizados no currículo tradicional, ou por vezes tratados apenas pelo viés do colonizador, de forma folclórica e estereotipada.

A proposta do projeto está ancorada na pesquisa-ação, entendida como processo investigativo permanente de reflexão e (re)planejamento em relação às barreiras comunicacionais da pessoa surda. Nesse sentido, preocupa-se com a prática e com as formas de intervenção para a sua melhoria.

Não houve a pretensão, neste artigo, de apresentar uma ideia universal e imperativa sobre o uso do gênero textual sinalizado. Antes, visou-se tencionar algumas dimensões sobre a produção de materiais bilíngues adequados para sur-

dos, oxigenando o campo teórico. Esta pesquisa, em fase inicial, requer a necessidade de ampliação de *corpus*, de modo a aprofundar os efeitos que o gênero videolibras opera no letramento bilíngue para surdos(as).

Referências

ANDRADE, Luana Foroni. *Adaptação transcultural e análise das propriedades psicométricas do instrumento de Autoavaliação do Funcionamento Ocupacional (SAOF) para Libras*. Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Barbosa. 2020. 160 f. Tese (Doutorado em Atenção à Saúde) - Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2020.

BEGROW, Desirée De Vit. Adaptar ou Adequar? *Facebook*, out. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/desiree.begrow/posts/10217743297880178>. Acesso em: 18 nov. 2018.

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 12 jun. 2015.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, seção 1, p. 23, 25 abr. 2002.

FELIPE, Tanya Amara. *Bilinguismo e educação bilíngue: questões teóricas e práticas pedagógicas*. Rio de Janeiro: Fórum L25/26 Instituto Nacional de Educação de Surdos INES, 2012.

FELIX, Ademilde. *Surdos e ouvintes em uma sala de aula inclusiva: interações sociais, representações e construções de identidades*. Orientadora: Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher. 2008. 212 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2008.

FERNANDES, Sueli de Fátima. *Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. Orientador: Prof. Doutor Carlos Alberto

Faraco. 2003. 213 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FERNANDES, Sueli de Fátima. *Educação de Surdos*. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2011.

FERNANDES, Sueli de Fátima. MEDEIROS. Jonatas Rodrigues. Gêneros textuais em videolibras: um estudo de aspectos composicionais. *Revista Científica Trama*, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 16, n. 39, p. 65-80, maio 2020. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/23705>. Acesso em: 9 jul. 2021.

FERNANDES, Sueli de Fátima. *Práticas de Letramento na Educação Bilingue para Surdos*. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Superintendência de Educação de Departamento Especial, 2006.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo B. Cipola. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. COORDENAÇÃO ACADÊMICA DE PESQUISA E INOVAÇÃO. *Projeto Entre Vistas: a navegação híbrida/bilingue/bicultural/bimodal nas múltiplas linguagens para o ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos*. Salvador: ILUFBA; CAPI, 2021.

LIMA, Hildomar José de. *Interpretação transemiótica de práticas sociolinguísticas expressas em português escrito por pessoas surdas*. Orientadora: Profa. Dra. Tânia Ferreira Rezende. 2020. 191 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

LIMA, Marisa Dias. *Política Educacional e Política Linguística na Educação dos e para os Surdos*. Orientadora: Profa. Dra. Lázara Cristina Silva. 2018. 454 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2018.

PEREIRA, Patrícia Cristina Andrade. *Tradutores-intérpretes de Libras na Saúde: o que eles nos contam sobre questões éticas em suas práticas*. Orientador: Prof. Dr. Paulo Antônio de Carvalho Fortes. 2014. 153 f. Tese (Doutorado em Serviços de Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PERLIN, Gladis. *Um Olhar Sobre Nós Surdos: Leituras Contemporâneas*. Curitiba: CRV, 2012.

PRIETO, Anna Gil. *Interações interculturais no contexto de ensino de libras como L2 na creche*. Orientadora: Profa. Dra. Audrei Gesser. 2017. 240 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.

RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira; QUEIROZ, Luana de Sousa. A aquisição da Linguagem e Integração Social: A Libras como formadora de identidade do surdo. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, São Roque, SP, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Luana.pdf. Acesso em: 5 jul. 2021.

SAMPAIO, Cássia Cilene da Rosa de. *O uso do Shape Coding no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para Surdos: um estudo sobre variação temporal*. Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff. 2018. 108f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2018.

[Recebido: 31 jul. 2021 — Aceito: 4 out. 2021]